

***SEMENTES
DE GERAÇÕES***

Livro 23

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



CONFINADO

Os gananciosos consideram seus bolsos a parte mais sagrada. Adquiriram o hábito de fazer demonstrações públicas. Confraternizam-se entre si mesmos um sentido de exclusividade, não se misturam. Continuam sem obstáculos difundindo adições que mantenham o sistema.



NENHUMA SAUDADE

Nenhuma saudade é infinita ou definitiva. As saudades desaparecem, sei lá por onde, se alguém as carrega ou se é coisa mesmo do destino. Ficam tão mutiladas, que tornam difícil o seu reconhecimento. Não sei se reencarnadas ou torturadas mudam de cara, resignadas em ser mais uma periferia desvalida e esquecida.

SUAVIZANDO A ESTUPIDEZ

A negação suaviza a estupidez, é a gravidade no extremo da cúmplice omissão. Ela nos mantém longe da comoção, ocupa o lugar da consciência.



CONTRARIAR URGENCIAS

Tua chegada transforma o curso do desejo, fazendo-o ficar estável, coincidente apenas com a expectativa pousada, anulamos as dispersões, olhamos os mesmos mares.

UM A UM

Conto um a um os bens vividos, emudeço todas as razões antes que elas me convençam a epilogar minha história.



IR E VIR

Volto ao passado, procuro fixar o motivo que me tornou capaz de perceber que não deveria reduzir o mundo, nem limitar minha ambição. Componho minha realidade nomeando meus afetos, atinjo lugares e pessoas, revejo sem julgar, já que não tenho o direito nem a possibilidade de modificar o acontecido. O primeiro ponto será aceitar isso.

EU QUERO APRENDER COM O TEU OLHAR

Quero alguma coisa do teu olhar, quero olhar como olham teus olhos, neles refugiar-me dos tormentos, ver a alegria dançar de felicidade, o silêncio declamar uma poesia, transmitir tantos sentimentos quantos neles caibam. Teu olhar hidrata-me, ocupa todos os espaços da minha alma espantada. Esse olhar, como poesia adoça me ninando, pousa em mim como pássaro. Quero esse olhar ao acordar, ocupando o meu acaso, sendo meu agasalho. Quero esse olhar me moldando mais terno, chave da casa, brinquedo, inocência, sonho.



CHEIRO DE TERRA

Esta terra tem cheiro de autêntica, embora os temporais, o mortal peso que brota de dentro, de suas fendas saem os mortos purificando os ares, cuidando das memórias, dos sentimentos, notáveis, fertilizando para permanecer.

RELIQUIA

A terra é um inferno para quem a desconhece e uma fonte para quem decide a seu favor.



MEU DESTINO

Entrou-me alma adentro uma alegria devolvida, uma resposta confirmando que não sou pedra, que minhas veias não são de aço, e que os meus nervos vivem dialogando com meus sentires, montando peça por peça aquilo que será o meu destino.

NÃO BASTA

Não basta uma boca cheia de versos cercada de atos vazios de sentidos distribuindo indiferenças despedindo-se da vida todos os dias.



RONDAM

Rondam-me como fantasmas dores recordadas, autênticas, injustas, coisas que nunca pude despedir, que vêm por ondas se impondo sem aviso, inflamadas vem rasgando os sossegos. Essas dores arrastam consigo um ser querido perdido, uma emoção esquecida entre refúgios propositais e negações oportunas.

MUNDANOS AMORES

Que ninguém se atreva a sair impune quando envolvido por mundanos amores sempre agudos, prejudiciais, pouco hábeis. Amores que exigem entregas unilaterais que simplificam o complexo que faz o que quer e como quer com o amante desavisado dos perigos e das fragilidades a que se expõe.



AS IMITAÇÕES

As imitações me asfixiam. Sujeitas a uma monótona e limitada repetição, não têm a fonte de si mesmas, são caricaturas de verdades duvidosas.

REFINANDO EROTISMOS

Determinado por causas íntimas peço desculpas por manter em segredo todas as emoções que surgem em mim com interesse de chegar a alcançar o nível de apaixonadas confissões. Radicadas no meu mundo, circulam por reinos estranhos como naturezas espontâneas, como incentivos animais adoecendo comportamentos, refinando erotismos.



O GOZO PROTAGONISTA

Sempre o gozo me pareceu um colosso surgido do nada, desorganizando identidades, explodindo confissões passageiras, derramando pedaços protagonistas da espécie.

ESTADOS E CULTOS

Estados simultâneos competem entre si. Pobres em solenidades, aqueles que dele dependem deveriam cumprir com as obrigações impostas como necessidades pela burocracia que se esforça para reforçar a crença de que há gente criada com o dom da lentidão. Proporcionam incômodos em série rapidamente transformados em um culto cheio de segredos. Percorrendo a primeira, a segunda e a última instância esbarrando no tempo de depósito que ainda não aprendeu o tempo dos verbos de movimento.



FUGAR

Os jovens fazem uma fuga em massa das casas, de escolas, de empresas, se põem em salvo da voracidade do capitalismo de ficção que engloba a tudo e todos até esgotá-los à condição de coisa.

SIM AO NÃO

Alguns ofendidos pelo efeito devastador do “não” fazem do “sim” uma concordância nem sempre sincera. Será nelas que os manipuladores se farão de vítimas toda vez que percebemos que a gentileza se torna uma vulnerabilidade usada fora de hora e com as pessoas equivocadas.



SOCIALIZAR A SOLIDÃO

Integrar-se socialmente, socializar a solidão, repartir amores, con-viver, surpreender-se com o próximo, alimentar o bom humor são alimentos que a vida reclama. Este enunciado está como um clamor presente nas mensagens a distância. Falta uma escuta que contemple a importância da sua realização.

OLHAR OFERTADO

A ignorância afetiva sempre pede que se explique o olhar ofertado.



URGÊNCIAS E EXIGÊNCIA

As urgências e as exigências ficam longe de onde as coisas acontecem. As estruturas são ineficientes em respostas e incapazes em soluções.



SIMPLIFICAR O SUPERFLUO

Será suficiente simplificar o supérfluo? Ou será necessário remontar um passado longínquo com parceiros produtivos criando confiabilidades, esquecimentos?

AUTENTICIDADE

Apoio toda autenticidade, livrar-nos de tudo que não é saudável, tarefas, pessoas, inutilidades, bens materiais, falsos brilhantes, risos cínicos, almas deficientes e mentes vazias.



PERIGO

Há frases que são ditas somente para saber o que pensa o interlocutor. É quase uma provocação, um estímulo lançado com malícia. É sempre perigoso uma pessoa débil com uma ideia poderosa.

COVARDES

Ridicularizar as ideias é uma especialidade de quem apetece falar mal dos homens ou das mulheres, insultos a cada frase, a cada história inventada, têm orgulho do seu desprezo, sente uma estranha alegria cada vez que falam como se houvessem conhecido a todos e a todas e com eles haverem tido intimidades capazes de autorizar-se especialistas em suas fragilidades e fracassos. Falam como os proprietários da razão, doutrinam inoculando o ódio. Ainda que às vezes possam ter razão, não amam os humanos, embora não saibam, anunciam uma enorme incapacidade em conquistá-los. Ódios e rancores ficaram armazenados na sua memória, escassas generosidades e notáveis malícias covardes.

FLORAS NATIVAS

Imigrantes recém-chegados guardaram os segredos, eliminaram as heranças, raspam a numeração, enterraram as testemunhas, silenciaram as histórias. Substituições, arremedos e cópias, rastros mínimos desprezados por decadentes permanecem sementes quase estéreis na terra esperando acidentais floras nativas despidas do ritmo de brutais contrastes.



ESTAMPA EMBALADA

Estampa embalada, vela solta, raiva desgovernada, agasalho em ruínas e o mar negando-se à maré, a árvore descontrolada sem parar de frutificar, desafia o cirurgião, o plano: o controle da natalidade, festeja desafiante um natal todos-os-dias. Pari como se fosse um desaforado prato de comida, fora da margem, fora da amostragem, sempre fraterna, caminhando e de mãos dadas com a vida avisando que estava vivo.

ESPECTRO

Não sou um espectro, sou a soma dos meus sinais, não sei de onde venho, muito menos para onde vou, se a minha voz me pertence. Não sou só a carne e o osso, sou quem busca escapar da imagem.



VARRENDO AS INOCÊNCIAS

O mundo e todos seus segredos ocultados ou indecifráveis estão à mercê. O tempo e as realidades varrem todas as inocências.

INVENTÁRIO

Busco inspiração num fascinante inventário. Ali, recolho porções adequadas para propiciar festa aos meus olhos com as histórias que resgato.



AFÃ DE PODER

A subversão de valores promove o afã de poder. Opostos à natureza humana, por ser antissocial, a subversão afugenta a felicidade que, tênue, limitada e sempre ameaçada, circula entre a necessidade e a sobrevivência.

SEMENTES DOS MORTOS

Propenso a aderir propósitos vastamente criativos. Para irrigar o lugar mais importante de todas as nossas vidas, faço uma viagem segura e tranquila do mundo mortal para o reino imortal. Faço-me transportador em cujo ventre carrego sementes dos mortos ressuscitados. Feito peregrino, guio o tempo e o sonho da imortalidade, mero transportador, recrio a originalidade dos ancestrais.



EPÍLOGO

Deixar-se possuir até entregar os pontos, entregar-se à leitura dos sonhos, de sonhos díspares que se entrelaçam por fronteiras mal determinadas, criando sombras que superpõem segredos e se prendem na rede. Enquanto desfaz-se o nó do nervo, tenso, desviado do caminho, inconveniente.

Coisas que o vento não leva.

Enquanto desfazo o nó do nervo, tenso, desviado do

bom caminho, inconveniente, entro em desordem, roubado na tranquilidade banhada em choro que me faz jogar fora a raiva e pedir-te para ficar.

Conto um a um os bens vividos, emudeço todas as razões antes que elas me convençam a epilogar a história.



REMINISCÊNCIAS GUARDADAS

Disponho as reminiscências como pedras preciosas; não as exponho a ninguém. Dou por certo acostumar-me à ideia de que estás lá, pensando em mim como estou eu aqui, pensando em ti, lembrando do teu olhar, que nunca desaplica a atenção nem os cuidados. Às vezes as saudades desatinam a ordenação que permite a tolerância e a dor grita mais que a paciência.

É tal a intensidade do que guardo, que exalo pelos poros o momento recuperado que não alcança ser algo mais do que uma sensação, uma inspiração inominável que ilustra o encanto, que me faz mágico quando ao te lembrar te revejo. Tal a insistência que não cesso

porque não posso, enquanto em mim reina uma crença na iminência da tua reaparição. Introduzo a novidade de falar com tua ausência, com teu perfume, com teu sorriso. Teimo em ver tua graça nos argumentos que invento em meus monólogos alucinatórios, onde me pergunto e me respondo numa solicitação insistente. Fundo fantasias com realidades, unificando-nos a ponto de eu não saber mais quem sou eu e quem és tu. Não digo o que sinto porque as palavras ficam curtas, pequenas, limitadas. Início, então, um longo aprendizado que se faz necessário até que eu possa dizer de uma forma nova todas as inclusões, todos os possíveis, todos os sentimentos, todos os jogos, todos os valores somados, e é quando reconheço serem poucas as chances de poder ter êxito na minha ânsia prosaica. Tu te perguntarás por que tanto necessito disto falar; é que não te tendo por perto, reinvento-te em cada lugar, junto os pedaços somando risos, olhares, uma tranquilidade feliz, uma luz, que acesa ou apagada, era igual, assistindo aos ventos marinhos, sóis que acampavam na nossa pele, luas que docemente iluminaram nossos olhares. Esses, sim, ficam ocupando todos os vazios que não me deixam obedecer ao traçado racional que arrebenta com as previsibilidades, pondo-me nas mãos, todos os dias, as reminiscências que já não sei mais onde guardar.

OS BENS E O SANGUE

Hoje recebi a visita do desejo que se apresentou no meu corpo. Através dele tive muitas sensações, como a de um renascimento essencialmente pessoal. O desejo me fez sonhar que revisitava a casa onde nasci, onde me encontrei com familiares ressuscitados, todos a festejarem porque mantive coerência ao longo de minha vida. Como prêmio prometeram deixar-me viver muitos anos mais, envelhecendo sem doenças nem traições ao meu redor. Porém, para alcançar isso, deverei ultrapassar algumas fronteiras, com a missão social de avisar aos mais jovens sua mudança permanente para essas flexibilizar o existir; eles deverão, ainda, constituir sua construção de sujeito social, pois a socialização é resultado da aceitação e de mediações. Que a afronta fique para os que se candidatem a guerreiros.

Despertei entendendo a subversão da lógica que dá vida aos mortos e lhes atribui o poder de enviar a mim uma ordem que certamente cumprirei, porque ela vem através dos sonhos. Meus mortos também se referem à solidão e à esperança que de alguma forma carrego desde minha infância. Em uma nítida inversão de papéis os sonhos oferecem à criança que levo dentro

um reforço para que eu possa parir aos que me deram a vida. Compreendo porque me interessa a continuidade histórica do conhecimento e dos movimentos que me nutrem.

Ao mesmo tempo em que gozo a presença não morro de tristeza. Calo meu sofrer para que as sombras não transformem meus dias de mortal sobrevivência em cinzas. As marcas, tornadas lágrimas, apagam e secam, ainda que inacabáveis. São silenciosas como os pianos não tocados, acumulam refúgios e opacificam meus esplendores porque não admitem intromissões nem apartes que lhes diluam a homenagem. Nego-me a dar um adeus definitivo e, por isso meus ancestrais retornam como fantasmas, povoando minhas fantasias e sonhos, ainda que venham também para marcar suas ausências. Menos que me serenar, refazem em mim o desejo de vê-los para diminuir meu penar, que não deseja descansar.

Acometido de uma aguda melancolia, recolho minha tristeza e meu insatisfeito desejo de ressuscitar aqueles que não queria mortos. Frente a minha insistência, perseguido e infeliz, me fadigo o corpo e aborreço a alma por essa dor interminável, vigilante para que os mortos se neutralizem e voltem como vivos. Alcanço

pedir-lhes suas mãos para apoiar-me, suas palavras para esperar-me, suas ternuras perdidas para encontrar-me, suas peles, seus tatos, seus sorrisos como companhia, como apetência, como presença, como coroa, flor, mel e sustento.

Farto de prantos que escorrem pelas rugas, e com olhos vermelhos de lágrimas, desolado fico quando não cicatriza a ferida que não fecha enquanto os sinos não parem de soar pelos meus mortos.



QUANDO OS OLHOS POUSAREM NAS MINHAS PALAVRAS

Quando os olhos pousarem em minhas palavras, as encontrarão fiéis às minhas intenções. Imóveis, depositadas como assinaturas, herdarão minhas expressões e dirão por mim, mesmo na minha ausência, exilado na terra do pó. Continuarei a espalhar meus versos e reverses, meu grito e meu silêncio; seguirei contando histórias e esperando que alguma curiosidade

dê sequência e vida ao que plantei. Assim não morrerei todo. Muitos saberão que assim como fugi, voltei.

Que coisas estas que me aconteceram para deixar em mim essa vontade de contar? Penso que a vida não termina onde termina a vida, inventando um jeito de partir deixo pedaços, parte da alma escrita, parte da alma narrada. Os olhos do autor e leitor misturam-se numa forma engajada de homenagear o encontro, fusionam vivos e mortos, escutas e falas, presenças diversas de corpo e alma. São como viagens pela indefinição dos tempos e espaços.

As bibliotecas não tolerarão minha ansiedade e me expulsarão até as mãos de algum imprudente que me aceite ler. Meus livros serão pedaços meus espalhados por aí. E meu anseio seguirá sendo que olhos anônimos pousem em minhas precárias palavras e leiam nelas o testemunho do que tanto amei. Minha obra, como uma obra qualquer e minhas palavras, herméticas às vezes, irão despertar doces provocações, às vezes trágicas se fundirão cada vez mais no papel encravadas pelo olhar espantado que as vejam. Do romântico ao ingênuo são dois passos e do indignado ao revoltado só um. As referências nem sempre confirmadas pondo em dúvida os direitos daquele que exalta o amor e odeia à

injustiça, o amante e o amado, a luta pela equidade e o testemunho de haver sido encantado com a vida.

No fim uma despedida triste por ter que deixar esse lugar que tanto amei, essas pessoas, esse futuro que me acolherá nos olhos que pousarem em minhas palavras e nas bocas que recitarem meus versos.

Roberto Curi Hallal

